

No Seminário procuramos entender a história e a doutrina dos diversos ramos do Pentecostalismo brasileiro, para fortalecer as bases do diálogo entre CONIC e o pentecostalismo nos seus mais variados ramos.

Para partilhar com aqueles que querem aprofundar o tema, publicamos as palestras que seguem.

Queremos mais uma vez expressar nossos agradecimentos à todos que contribuíram para a realização deste Seminário.

P. Ervino Schmidt
Pelo CONIC

Pe. José Bizon
Pelo MOFIC

PENTECOSTALISMO NO BRASIL: OS DESAFIOS DA PESQUISA¹

Profa. Yara Nogueira Monteiro

O pentecostalismo foi introduzido no Brasil no início de nosso século e, desde então, apresentou um crescimento contínuo tanto numérica como geograficamente.

A partir da década de 60, época que ocorre o desenvolvimento da industrialização e intenso êxodo rural que acarretam importantes modificações na vida brasileira, percebe-se uma aceleração no crescimento do pentecostalismo e o aparecimento de numerosas denominações. Nessa década ocorre, também, a eclosão do chamado “movimento de renovação espiritual” ou carismático, dentro das Igrejas do Protestantismo de Missão que mesclava doutrinas e práticas do pentecostalismo aos conteúdos doutrinários tradicionais². Esse movimento não foi aceito pacificamente e numerosos expur-

gos ocorreram dentro das diferentes Igrejas. Com isto novas denominações nasceram e foram adquirindo características próprias³. Idêntico ocorreu também dentro da Igreja Católica⁴. Além do pentecostalismo e dos movimentos carismáticos, tem-se ainda um terceiro, que vem apresentando intenso crescimento e está sendo denominado de neopentecostalismo, pentecostalismo autônomo ou agências de cura divina⁵. Esse movimento caracteriza-se, em especial, pela “comercialização” de bens simbólicos.

A proliferação desse movimento no Brasil, bem como suas dimensões, tem acarretado dificuldades para a elaboração de um levantamento, dada a diversidade e efemeridade de muitas das denominações surgidas. Aqui tem-se

1. Esse texto foi produzido, num primeiro momento, para ser apresentado durante a II Conferência Geral de História da Igreja na América Latina e no Caribe.
2. O movimento carismático vem se expandindo rapidamente entre as Igrejas e não tem sido devidamente estudado.
3. Bittencourt Filho, 1993.
4. Os grupos carismáticos católicos também vêm apresentando rápido crescimento. Esse movimento, que de certa forma se opõe às CEBs, tem sido tolerado pela instituição, cuja postura ainda não é clara e nem homogênea.
5. O termo “neopentecostalismo” é utilizado por Bittencourt Filho e “agências de cura divina” por Antonio G. Mendonça.

uma questão teórica: se seriam realmente pentecostais todas as denominações que surgiram e estão surgindo. Verifica-se que, na realidade, a designação é feita por exclusão às Igrejas históricas e pela prática da cura divina. Uma segunda indagação é se podem ou não ser designadas de "igrejas", e em caso afirmativo quais os critérios a serem adotados para isso. De acordo com MENDONÇA esses grupos não deveriam ser chamados de Igrejas e sim de "agências de cura divina" uma vez que não apresentam características de Igreja⁶, não possuem corpo de fiéis fixo, mas uma população flutuante à qual prestam serviço religioso mediante contribuição do beneficiado⁷.

Uma das características atribuídas a esse movimento é a heterogeneidade, tem-se desde pequenos grupos, como por exemplo os da

região da Liberdade em São Paulo⁸, até conglomerados gigantescos como o da Igreja Pentecostal "Deus é Amor" de David Miranda⁹ ou como a Igreja Universal do Reino de Deus do bispo Edir Macedo.

O crescimento desses movimentos foi dimensionado pelo Censo Institucional Evangélico, este realizou importante pesquisa na região metropolitana do Rio de Janeiro e que apesar de ser circunscrito àquela região, é indicativo da situação no país. O censo constatou que a partir de 1989, a cada dia, surgia uma nova Igreja na região pesquisada¹⁰. Uma estimativa realizada pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) em 1990 apontou como sendo de 2% ao ano o crescimento das Igrejas cristãs tradicionais, enquanto que o das pentecostais era de 25%, contando na época com cerca de 30 milhões de membros.

6. Nesse artigo o termo "igreja" é empregado apenas no sentido da existência de uma comunidade local, regional ou nacional, com um mínimo de estabilidade, com corpo de fiéis fixo, com certa liderança burocrática e com corpo de doutrinas delineado.

7. A. MENDONÇA, 1990, p. 46

8. No centro da cidade de São Paulo tem-se a Rua Dr. Rodrigo Silva, que tem início atrás da Catedral da Sé e após poucas quadras termina no bairro da Liberdade. Ali, aos poucos, o pequeno comércio foi dando lugar à numerosos locais de reunião que atualmente ocupam ambos os lados da rua e cujo funcionamento é diário, ocupando praticamente todo o dia.

9. Esse movimento se difundiu por todo o país, basicamente na periferia dos centros urbanos; atualmente estende-se também pela zona rural. Sua sede funciona numa antiga fábrica no centro da cidade de São Paulo com cerca de 9.000 metros quadrados.

10. O Censo Institucional Evangélico foi realizado pelo Instituto Superior de Estudos da Religião - ISER (Rio de Janeiro/Brasil) e publicado 1992.

A efervescência religiosa que se assiste atualmente no Brasil se constitui em fenômeno marcado pela interdisciplinariedade, vem chamando atenção de pesquisadores de várias áreas da ciência, tais como: história, sociologia, antropologia, psicologia e ciências da religião. Seu crescimento tem recebido explicações diversas, tem sido objeto de atenção de grupos de políticos e é olhado com "reserva" pelas Igrejas tidas como tradicionais.

A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

O campo religioso brasileiro sempre foi extremamente rico, diversificado e pouco estudado¹¹. Poucos autores dedicaram atenção ao estudo da religiosidade brasileira; generalizações sempre foram feitas e aceitas praticamente sem reservas. O Brasil tem sido, tradicionalmente, descrito como um país católico e os estudos realizados sobre a religiosidade afro-brasileira e indígena eram vistos como temática de menor importância, como prática de pequenos grupos,

coisa de ignorantes, e até mesmo era encarado como "caso para polícia". A "religiosidade popular" era tratada, portanto, como uma espécie de temática "exótica" que encantava os pesquisadores europeus¹². Somente a partir da década de 60, que coincide com o avanço dos estudos históricos e sociológicos, é que se tem uma maior atenção e um maior número de obras sobre o assunto e, dentro desse quadro, os estudos sobre protestantismo no Brasil não foram uma exceção à regra, existindo poucas obras específicas que tenham sido realizadas a partir de pesquisas de campo e com critério acadêmico.

Ao se analisar a produção bibliográfica sobre o pentecostalismo verifica-se que grande parte das publicações apresentam uma visão distorcida do fenômeno, apresentando gamas diferentes de preconceito. Dentre estas, dois grupos podem ser destacados: o primeiro é composto por obras cujos autores pertencem a instituições religiosas e cujas análises demonstraram estarem mais comprometidos com

11. Essa diversidade foi marcada desde o início de nossa colonização onde se verificou a mescla de culturas diversas: a européia, que veio com conquistador português; a africana, através do tráfico de escravos, somaram-se à ameríndia existente na região.

12. Estudos sobre a religiosidade popular, em especial afro-brasileira, tiveram impulso inicial com a vinda da chamada "missão francesa" em 1934, constituída por professores que vieram formar diferentes cursos que compõem a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Nesse grupo destaca-se Roger Bastide.

a postura de suas instituições do que com o rigor científico; o segundo grupo diz respeito a publicações que, muito embora se utilizem de métodos e técnicas pertinentes às ciências humanas, apresentam o pentecostalismo como um fenômeno atrelado aos estratos mais baixos da população e atribuem seu crescimento a fatores como a ignorância dos fiéis, más condições de vida e a impossibilidade de acesso a bens como, por exemplo, a saúde. De forma geral os adeptos do pentecostalismo são apresentados, por esse grupo, como sendo uma espécie de massa amorfa, ignorante, crédula e passível de exploração. Esse modelo de análise não contempla outros segmentos sociais, como é o caso dos estratos médios da população que participa e tem sido atraído pelos movimentos pentecostais, neo-pentecostais e carismáticos.

Muitas das hipóteses que têm sido aceitas e repetidas através das últimas três décadas, não têm resistido a análises mais criteriosas e outras teriam que ser revistas à luz de dados atuais que contemplem tanto as modificações havidas no âmbito do próprio "pentecostalismo", como as alterações sofridas pela sociedade. Um exemplo entre outros é a hipótese, muito conhecida, de que o êxodo rural, as dificuldades da vida nas cidades e a anomia seriam responsáveis pela atração das massas urbanas ao pentecostalismo; essa hipótese,

apresentada há quase três décadas, continua sendo repetida e apresentada como explicativa do crescimento pentecostal, entretanto os estudos demográficos têm apresentado dados instigantes referente às últimas décadas e que demonstram ter havido importantes modificações com referência ao êxodo rural, mobilidade da população e seu direcionamento. Esses dados não demonstram coincidência entre as regiões alvo de maior fluxo da população e os pontos geográficos de maior crescimento do pentecostalismo, ou seja, hipóteses tradicionais como a da anomia têm que ser reestudadas à luz da situação atual.

A partir dos anos 80 a temática "pentecostalismo" passou a ser assunto frequente na imprensa, a análise da abordagem realizada permite observar as dificuldades existentes entre os articulistas que, via de regra, não apresentam diferenciações entre os novos movimentos surgidos e o restante do protestantismo. Muitas vezes a identificação é realizada apenas a partir da exclusão, ou seja, todo o fenômeno que não for enquadrado como católico, espírita, nem pertencente às religiões afro-brasileiras, corre o risco de ser caracterizado como "pentecostal". O interesse da imprensa pelo pentecostalismo coincide com o aumento da "curiosidade científica" para com o assunto, o que resultou na maior produção de obras e artigos científicos sobre a matéria.

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O PROTESTANTISMO NO BRASIL

Período	Características
antes dos anos 30	- produção apologética e triunfalista - <u>pesquisadores</u> - em geral pastores e missionários - algumas obras foram escritas por pioneiros da sociologia brasileira.
dos anos 30 aos 50	- primeiros trabalhos de cunho sociológico, mais interpretativos - <u>pesquisadores</u> - em geral estrangeiros (Ex. Émile Leonard - <i>O protestantismo brasileiro</i>).
anos 60 e 70	- produção, nas universidades, sobre sociologia da religião. Características: refletem o momento histórico vivido na época, salientam o caráter alienante das religiões e refletem a preocupação com o potencial revolucionário do povo. - <u>pesquisadores</u> - cientistas sociais brasileiros, muitos deles de tradição protestante (Ex. Antonio G. Mendonça - <i>O celeste porvir</i>).
fim dos anos 70 e início dos 80	- O protestantismo ganha espaço como objeto de estudo dentro das ciências sociais, preocupação com o crescimento do pentecostalismo. - <u>pesquisadores</u> - cientistas sociais brasileiros não diretamente ligados à Igreja. (Ex. Regina Novaes - <i>Os escolhidos de Deus</i>).
fins dos anos 80 e início dos anos 90	- Crescimento do pentecostalismo, em especial do neo-pentecostalismo passa a ser objeto de estudos - <u>pesquisadores</u> - brasileiros e estrangeiros passam a ser atraídos pela temática (grande número desses trabalhos tem se voltado para a "Igreja Universal do Reino de Deus").

A riqueza e a diversidade crescente existentes dentro do campo religioso brasileiro constituem um problema que desafia os estudiosos que lutam para trazerem à luz este vasto campo ainda tão desconhecido. Ao se analisar muitas das publicações que estão surgindo, nos deparamo-nos com uma série de problemas, em especial do ponto de vista teórico-metodológico, dentre eles cabe destacar a problemática dos critérios de diferenciação utilizados. Para alguns, o "pentecostalismo" seria uma espécie de "membro desviante" das Igrejas da Reforma; enquanto que outros preferem não considerá-lo como parte do protestantismo. Observa-se ainda grande confusão com a utilização de conceitos, não havendo consenso no uso, por exemplo, de: Igreja, seita e movimento, sendo que muitas vezes o critério de utilização desses conceitos não passa por um crivo científico, refletindo por vezes até mesmo uma visão denominacional¹³.

Esforços têm sido feitos no sentido de se estabelecer critérios seguros que permitam a diferencia-

ção entre protestantismo "tradicional", carismáticas, pentecostais clássicos e grupos pertencentes ao pentecostalismo autônomo¹⁴.

Com relação à diversidade existente dentro campo tido como "pentecostal" verifica-se não ser ainda claro os critérios de diferenciação, sendo que o aparecimento de diferentes denominações em curto espaço de tempo, além do crescimento de muitas delas, contribuem para complicar mais o quadro. Uma classificação, ainda que genérica, tem conseguido ser de consenso entre os estudiosos do assunto, é a referente ao "pentecostalismo clássico", na qual estão inseridas a Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus e Evangelho Quadrangular, contudo a grande indagação continua sendo sobre a adoção de critérios que permitam estabelecer diferenciações e classificar o todo restante. Essa situação permite que movimentos vários, e diferentes, mesmo que não tenham sido estudados (ou por esse motivo) acabem sendo apontados como sendo "pentecostais".

13. Como exemplo pode-se apontar a tese de doutorado defendida por Florencio GALINDO - *El Protestantismo Fundamentalista*, na Faculdade de Teologia dos Padres Jesuítas de Frankfurt. Nesta obra o termo "igreja" é utilizado para designar unicamente a Igreja Católica, todas as restantes são designadas como "seitas".

14. Existe a divisão clássica entre protestantismo de imigração, de missão e o pentecostalismo. Só que isso não é pacífico. Tem outras tentativas de classificação, como por exemplo ramos da Reforma (1-anglicanos, 2-luteranos, 3-reformados, (calvinistas); 4-paralelas à reforma (anabatistas); 5-pentecostais (clássicos e cura divina)

São muitos os percalços da pesquisa e análise dos trabalhos publicados. Estes revelam que muitas das conclusões apresentadas foram comprometidas por vários fatores, dentre eles destacam-se a ausência de pesquisa de campo aliada à falta da adoção de uma metodologia criteriosa. Isto tem contribuído para que determinadas hipóteses tenham sido apresentadas como "verdades", com o agravante de que passam a ser repetidas em outras obras. Outro problema a ser apontado é o das generalizações. É frequente encontrar trabalhos nos quais o autor estuda apenas um movimento num determinado local e, a partir deste, generaliza suas conclusões como sendo válidas para todo o "universo pentecostal", contribuindo para aumentar a confusão já existente.

Ultimamente, importantes estudos vêm sendo realizados, tanto nas universidades - algumas com grupos que se dedicam a estudos voltados para a religião, como por exemplo a Universidade de São Paulo, PUC e o Instituto Metodista de Estudo Superior - como também em instituições que promovem pesquisas nessa área, como por exemplo o ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião) e Koinonia.

MOVIMENTO PENTECOSTAL: RETROSPECTO HISTÓRICO

Ao se estudar a introdução do protestantismo no Brasil e posteriormente o aparecimento do pentecostalismo, verifica-se estes estão inseridos numa conjuntura histórica mais ampla. Num rápido retrospecto histórico vemos que o Brasil foi marcado pela colonização portuguesa, que trouxe para seu território uma cultura ibérica marcada pelo catolicismo tridentino. A religião católica foi a única permitida no país até inícios do século XIX, quando a liberdade religiosa foi permitida devido a interesses políticos¹⁵.

No século XIX ocorreu a chamada "Expansão Protestante" (1814-1914) que é vista como fruto do expansionismo do capitalismo europeu e que acompanhou a segunda expansão colonialista (partilha da África e independência da América Latina que sai da órbita ibérica e entra na da Inglaterra). A partir da segunda metade do século XIX, chegaram os primeiros missionários protestantes ao Brasil. Esses faziam parte da chamada "Missão civilizatória" que visava implantar no país um novo modelo sócio-político-econômico-religioso (destino manifesto).

15. A liberdade religiosa no Brasil não foi resultante de lutas ou reivindicações locais. Essa liberdade foi exigida pela Inglaterra e fez parte dos acordos firmados entre esta e Portugal quando, em decorrência da invasão Napoleônica, a Corte portuguesa transferiu-se para o Brasil, sob a proteção da armada britânica.

Ao se analisar o campo religioso brasileiro, e mesmo latino-americano, observa-se que importantes modificações ocorreram no início do século XX, modificações essas que coincidem com as alterações do quadro histórico, em especial com a eclosão da 1ª Guerra Mundial; a partir de então ocorreram no Brasil os primeiros movimentos pentecostais.

O histórico do pentecostalismo brasileiro pode ser dividido em três grandes momentos: o primeiro tem como marco 1910, ano do início da Congregação Cristã no Brasil, sendo que no seguinte tem-se o aparecimento da Assembléia de Deus. O segundo momento teve início nos anos 50, época marcada pela industrialização, urbanização e formação de uma sociedade de massas, nessa época tem-se a chegada da "Igreja do Evangelho Quadrangular" e depois o surgimento do "Brasil para Cristo" e "Deus é Amor". O terceiro inicia-se nos anos 80, quando dois terços da população brasileira está nas cidades, há um empobrecimento geral da população que vive numa crescente instabilidade e assiste a fenômenos como o aumento da violência e crime organizado¹⁶.

PENTECOSTALISMOS: APRESENTAÇÃO DE DOIS MODELOS

Para se dar conta da variedade e diversidade existentes dentro do que se usa denominar "pentecostalismo" brasileiro, torna-se interessante o estabelecimento de análises comparativas. Para tanto iremos discorrer sobre dois modelos diferentes, o primeiro referente à Congregação Cristã no Brasil (CCB) e o segundo correspondente à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A primeira pertencente ao "pentecostalismo clássico" e a segunda se insere no neopentecostalismo.

A Congregação Cristã no Brasil, juntamente com a Assembléia de Deus, faz parte do início do movimento pentecostal em nosso país, quando esse movimento aparece como uma variante do protestantismo, porém mais próxima das manifestações populares, algo como um Protestantismo Nacional. É interessante destacar que ambas tiveram origem de um núcleo comum: Chicago¹⁷. A CCB, ao contrário da Assembléia de Deus, não foi fruto da atuação missionária¹⁸, sua fundação deve-se a um estran-

geiro, Luigi Francescon, que não era missionário e nem era sustentado por uma instituição do exterior. Francescon, italiano emigrado para os Estados Unidos, pertencia à Igreja Presbiteriana italiana de Chicago e teve contatos com a Igreja Batista de Durham. Ao chegar no Brasil dirigiu-se para o Estado do Paraná, na cidade de Santo Antonio da Platina, dirigindo-se depois para a cidade de São Paulo; sua atuação em uma Igreja Presbiteriana legou uma cisão interna da qual se originou o primeiro núcleo da CCB nessa cidade. A partir de então São Paulo passaria a atuar como uma espécie de foco irradiador, num primeiro momento para o país e num segundo momento expandindo-se para o exterior. Essa trajetória faz com que a CCB possa ser considerada uma Igreja brasileira.

O modelo de atuação da CCB é praticamente o oposto daquele que usualmente é atribuído como sendo característico do pentecostalismo uma vez que ela não se utiliza de cultos ao ar livre¹⁹, não faz pregação em praças ou locais públicos, não permite campanhas evangelísticas, não imprime folhetos, não tem programas de rádio ou televisão e nem faz apelos à

conversão. O sacerdócio é universal e a única forma de evangelismo permitida é a interpessoal. Seus membros crêem na predestinação e que só os verdadeiramente chamados permanecem (nesse ponto são presbiterianos ortodoxos). O termo "pentecostal" e "pentecostalismo" não faz parte do cotidiano da CCB e não é empregado pelos fiéis.

Não existe cobrança de dízimo e não há venda de nenhum tipo de bens ou "objetos sagrados", tais como óleos ou água especiais, os únicos itens que estão à disposição dos fiéis para a venda se resumem a bíblias e hinários, além do relatório anual. Nenhum cargo é remunerado e todos se sustentam com o trabalho realizado no mundo secular. O resultado das coletas, realizadas mensalmente, é direcionado para construção de templos, obras de caridade e algumas viagens missionárias. A direção da Igreja não decide o percentual de valores a ser empregado em cada um dos itens, mas sim o próprio doador que, ao dar a oferta, indica onde quer que seja empregada. As viagens só são subsidiadas quando para a realização de batismos, santas ceias ou reuniões especiais do ministério.

19. Devido ao fato do batismo ser realizado por imersão, este pode ocorrer, eventualmente na beira de um rio ou lago, mas apenas quando não existir, na cidade ou região, igreja é dotada de tanque apropriado para a cerimônia.

16. Paulo FRESTON estabelece essas três divisões como sendo "três ondas", sobre o assunto ver "Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment".

17. Sobre o assunto ver MENDONÇA, 1989, p. 74

18. A Assembléia deve sua fundação aos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Este último frequentou a Igreja Batista de Chicago. W. H. de Durham, veio para o Brasil como missionário em uma Igreja Batista em Belém do Pará, devido à sua atuação deu-se uma divisão da Igreja o que deu origem as Assembléias de Deus.

A administração material é centralizada, em grandes pólos regionais e praticamente inexiste autonomia das congregações locais. Não se sabe o número de membros, pois não há estatística a respeito. Seu crescimento pode ser dimensionado através do número de construção de templos, que na cidade de São Paulo tem correspondido a uma média de 1.3 por mês. A construção dos templos é padronizada objetivando a homogeneidade, diminuição de custos e facilidade de identificação. Desta forma, não importando a situação econômica da região, ou bairro, onde vai ser instalada as instalações e o modelo serão sempre o mesmo.

A CCB não participa de atividades políticas, não indica candidatos e veda aos fiéis o direito de se candidatar a cargos políticos, no caso haver a conversão de alguém que esteja ocupando cargo político, este pode terminar o mandato mas não pode se candidatar a reeleição. Por ocasião das eleições é reforçado o fato da Igreja não fazer indicações e não prestar apoio a nenhum político ou legenda.

Ao se analisar a trajetória dessa instituição verifica-se haver uniformidade doutrinária, que é mantida

através de assembleias anuais com a duração de três dias²⁰. Nessas assembleias reúne-se apenas o corpo sacerdotal, composto pelos anciãos (pastores) cooperadores e diáconos²¹. Mantém uma forte cultura oral, não possui publicações, apenas um relatório anual. Não recomenda a leitura de literatura específica, somente a Bíblia.

Desde a data de sua fundação até hoje a CCB não apresentou dissidência. O segundo modelo a ser apresentado é o da Igreja Universal do Reino de Deus, atualmente exemplo maior do chamado neopentecostalismo. O sucesso "religioso" e financeiro da IURD fez com que em menos de vinte anos conseguisse possuir mais de 2.000 templos, redes de televisão e emissoras de rádio e editora. Esse fato tem provocado curiosidade, interesse e arrepios em campos diversos, desde o das Igrejas até o chamado mundo das comunicações. Esse movimento é centralizado na figura de seu fundador, o bispo Edir Macedo, cuja atuação tem sido objeto de controvérsias.

As análises que vem sendo realizadas são dificultadas devido ao pouco tempo de sua existência,

entretanto características marcantes podem ser apontadas, tais como a utilização de diferentes meios para a realização de proselitismo, com destaque especial para os programas de rádio e televisão. Dentro do discurso realizado pela instituição cabe destacar o da "teologia da prosperidade" cuja postura se opõe à pregação ascética e o ideal de vida simples que norteia o modelo anteriormente analisado.

As grandes concentrações de fiéis têm sido uma constante na trajetória da IURD, estádios de futebol lotados transformam-se em espetáculo de massa, dentro destas a figura central, no caso o bispo Edir Macedo, tem merecido aparições apoteóticas, às vezes descendo dos céus.

A IURD conta com uma verdadeira estrutura empresarial que permite a comercialização de bens simbólicos²². A cura e o milagre passam a ser vistos como um fim em si mesmo e não como um meio. As doações são apresentadas como um tipo de "investimento" uma vez que "Deus as devolve em dobro". O corpo sacerdotal é remunerado, havendo gradações diferentes o que permite pressupor uma espécie de carreira a ser percorrida a partir de critérios internos.

O crescimento dessa instituição contribuiu para que modificações fossem introduzidas, como por exemplo a idéia que se fazia de templo, com determinadas características ou aspecto externo. Por razões várias, inclusive devido a carência de terrenos dentro do espaço urbano, torna-se cada vez mais comum a compra de cinemas e teatros que passam a funcionar como templos, havendo uma interessante transformação de espaços tradicionalmente tidos como profanos em sagrados.

A participação da IURD na política é clara, mais do que apoiar candidatos ela elege os seus, o que indica que a instituição zela pelos seus interesses e que, no mínimo, visa garanti-los. Postura esta, diametralmente oposta a do primeiro modelo apresentado, no qual a CCB procura deixar evidente o não comprometimento com as esferas políticas e que a única reivindicação concreta que faz do governo é a da manutenção da liberdade religiosa.

O crescimento vertiginoso da IURD fez com que nela fossem centrados os olhares a ponto dos outros movimentos, pertencentes ao neo-pentecostalismo, estarem sendo entendidos, a partir de generalizações como tendo características comuns.

20. A princípio as assembleias eram realizadas apenas na cidade de São Paulo que agregava as pessoas provenientes de todo o país bem como do exterior, entretanto, o número crescente de pessoas fez com que estas tivessem que ser regionalizadas. Atualmente acontecem em cinco locais diferentes do país: norte, nordeste, centro-este, sudeste e sul.

21. O termo "sacerdote" não é empregado pela CCB, tendo aqui a conotação weberiana.

22. Estamos utilizando os termos relativos à comercialização de bens simbólicos, a partir das concepções apresentadas por BOURDIEU, P. em Economia das trocas simbólicas.

INDAGAÇÕES FINAIS

A efervescência do campo religioso brasileiro é evidente e destaca-se brotando uma força ainda não bem compreendida, mas que se traduz em crescimento e posturas que se espalham pela sociedade, penetrando em "redutos" até então tidos como "seguros". Sua compreensão se constitui num desafio, e numerosas questões colocadas pelas ciências sociais permanecem ainda sem resposta.

O sucesso dos movimentos apontados como pentecostais e, conforme Visot, tem sido atribuídos a uma série de fatores, tais como: flexibilidade, capacidade de ajustamento às diferentes situações do cotidiano, estruturas organizacionais simples que permitem a participação do fiel, capacidade de oferecer sentido de reorganização de vida, etc. A situação de crise vivida pela Brasil, em especial nas últimas décadas, o empobrecimento dos estratos médios da população, o aumento da massa de miseráveis, a crise no sistema de saúde, também são apontados como causas prováveis que estariam contribuindo para o crescimento desses movimentos que serviria como uma espécie de ímã para a massa desesperada em busca de um mínimo de condições que lhe permitisse a sobrevivência, tal como saúde e emprego.

Sabe-se que estudos que envolvem religiosidade e a busca do sobrenatural se inserem num espaço mais amplo e mais complexo e requerem esforços de pesquisa mais diversificados. Sabemos que numerosas denominações estão surgindo, que muitas estão crescendo com uma rapidez espantosa, que dentre elas existe a exploração de fiéis, porém o que não se consegue realmente explicar o porquê que as pessoas continuam afluindo, quem são essas pessoas, o que buscam, porque ficam ou não; se são ou não provenientes de outras Igrejas, quais os estratos sociais ali representados, etc. Entretanto uma questão parece clara, o grande afluxo evidencia haver um mercado consumidor, de dimensões ainda não mensuradas, para esse tipo de oferta de "bens simbólicos", e que este tem se mostrado carente das mercadorias que estão sendo oferecidas, sendo que a lógica desse mecanismo ainda se constitui num desafio.

Se levarmos em consideração que os fenômenos religiosos refletem estruturas mentais e que estas se inserem entre as de longa duração, ou seja, são as que mais lentamente evoluem a ponto de Braudel tê-las chamadas de "prisões a longo prazo"²³, veremos a necessidade de elaborar análises que le-

vem em consideração eventuais defasagens existentes no seio da estrutura social global e as estruturas mentais. Isto significa que as análises sócio-econômicas, embora importantes, podem não ser suficientes para viabilizarem o entendimento real do fenômeno.

A corrente da "Nova História", que vem publicando importantes obras sobre o campo do sagrado, insiste na necessidade da interdisciplinariedade para que o fenômeno possa ser analisado em suas múltiplas vertentes. Os autores dessa corrente têm se dedicado a estudos que se inserem dentro das mentalidades coletivas, têm se apropriado de diferentes instrumentais teóricos como os da psicologia histórica por exemplo²⁴.

Em suma, faz-se urgente e necessário que pesquisas sejam elaboradas e que critérios metodológicos sejam estabelecidos para que seja possível por um lado estabelecermos conceitos corretos, até mesmo com relação à amplitude e limites do termo "pentecostal", e que por outro lado possibilite a adoção de critérios que permitam o levantamento, a identificação e a classificação dos diferentes movimentos para depois analisá-los e agrupá-los, visando assim o tão necessário mapeamento do universo religioso brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

- BITTENCOURT FILHO, J. - Remédio Armago. "Tempo e Presença". S. Paulo, CEDI, nº 259, ano 13.
- BOURDIEU, Pierre - A economia das trocas simbólicas. Org. Sérgio Miceli, S.Paulo, Ed. Perspectiva, 1982.
- COSTA-ROSA, A. - Práticas de cura nas religiões e tratamento psíquico em Saúde Coletiva, Tese Dout. USP/Psicologia Clínica, 1995.
- FRESTON, Paul - Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese de Doutorado, Campinas, UNICAMP, 1993.
- GALINDO, Florencio - El Protestantismo Fundamentalista: una experiencia ambigua para América Latina. Espanha, Editorial Verbo Divino, 1992.
- GOUVEIA, G.L.N. A cidadania dos despossuídos: segregação e pentecostalismo. TESE M., USP/ 1993.
- LALIVE D'EPINAY, C. - O Refúgio das Massas. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1970.
- MENDONÇA, A.G. - Um panorama do protestantismo brasileiro atual. In Sinais dos Tempos: tradições religiosas no Brasil. Rio de Janeiro, ISER, 1989. p. 74

23. DUBY, G. - "Le société médiévales: une approche d'ensemble" In Annales E.S.C., jan-fev, 1971, pp.1-13.

24. Dentre as numerosas obras cabe destacar a de J. DELUMEAU - A história do medo no Ocidente. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

MENDONÇA, Antonio g. & Prócoro Velasques Filho - Introdução ao Protestantismo no Brasil. S. Paulo, Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antonio. Sindicato de mágicos: pentecostalismo e cura divina (desafio para as igrejas). In "Estudos de Religião". S. Paulo, ano VI, nº 8, 1992.

RUUTH, Anders - Iglesia pentecostal. Iglesia desafiante y desafiada. exemplar mimeografado. Chile, set. 1992.

VELAZQUEZ FILHO, Prócoro - A falência do Cristianismo Tradicional e a tentativa de recu-

peração proposta pelas religiões do espírito. In Fé cristã: Libertação do cativo do passado e a esperança. Ciências da Religião nº 5, 1986, p. 50.

WILLEMS, E. - Followers of a New Faith. Nashville, Vanderbilt University Press, 19967.

Profª Yara Nogueira Monteiro, é Doutora pela Universidade de São Paulo e professora de Ciências da Religião do Instituto Metodista do Ensino Superior. End.: Rua de Olinda Rodrigues, 153 05372-100 São Paulo - SP

ABORDAGENS USUAIS NO ESTUDO DO PENTECOSTALISMO

Rev. Leonildo Silveira Campos

INTRODUÇÃO

Para muitos cristãos, o acercarse do pentecostalismo, talvez o fenômeno religioso mais importante deste século, é como se aproximar daquela entidade mitológica que dizia: "Decifra-me ou devoro-te". Suspeito haver pelo menos duas formas freqüentes e negativas, entre outras, de se encarar o pentecostalismo.

Uma primeira visão do pentecostalismo é resultante dos nossos temores institucionais. O pentecostalismo, nesse caso, é encarado como um "movimento-monstro", destinado a devorar todas as formas institucionais de cristianismo. Esta postura provoca nos cristãos um tremendo imobilismo, um sentimento de fracasso diante de algo percebido como ameaça.

Uma outra visão, também deformadora, é aquela que se expressa por um estado de deslumbramento diante do inusitado. Tal postura é parecida com a reação do interiorano que, postado diante do mar nunca visto anteriormente, permanece admirado. Essa postura pode evoluir para uma atitude utilitarista, quando as pessoas admiradas se aproximam do pentecostalismo, com o desejo de conhecer suas

técnicas de crescimento e de aprender o seu *know-how*, para depois tentar aplicar tudo em sua atividade pastoral ou catequética.

Pretendemos a seguir mapear algumas das principais trilhas usadas no estudo do pentecostalismo. Julgo ser tal procedimento muito importante, principalmente para os agentes envolvidos nas várias tarefas de reprodução e expansão das formas institucionalizadas e históricas de cristianismo. Embora haja o risco do viés, é necessário aprender a decifrar os novos movimentos religiosos, entre eles o pentecostalismo, caso contrário se cumprirá a ameaça do "devoro-te".

Há também uma postura que julgamos ser mais humilde, que nasce daquele desejo de conhecer o outro e de se estabelecer um conhecimento que origine uma reavaliação das próprias posturas ritualizadas. Essa maneira de se analisar o pentecostalismo pode gerar um processo de auto-análise e até a descoberta de falhas que temos cometido no decorrer de um longo processo histórico de institucionalização.

Possivelmente um exercício de reflexão como esse possa relativizar um pouco mais as estruturas